



**casadesarmiento**

centro de estudos do património

# Os gregos no Noroeste da Ibéria

Francisco Martins Sarmiento

O Instituto, Coimbra, 1876, vol. XXIII, pp. 1 e 49

Alguns escritores modernos, aliás de muito merecimento, dão ainda como assentado que os gregos foram dos mais antigos habitantes do noroeste da Ibéria. Esta opinião funda-se decerto nas razões um pouco imponentes de Florez, para o qual a crítica de hoje somente tinha que opor *conjecturas especulativas* à autoridade dos geógrafos e historiadores antigos, que afirmavam positivamente este facto (Florez, *Esp. Sagr.*, tomo XV, I, 26).

Na verdade autoridades não faltam. Estrabão, encostando-se a Possidónio, Atemídro e Asclepiades Myrleano dos quais o último residiu na Turdetânia e estudou os costumes destas (?) gentes, quer que os companheiros de Teucro viessem habitar na Gallæcia<sup>1</sup>, sendo assim que se encontrava nestas regiões uma cidade chamada Heilenes, e outra Amphilochía, onde morrera Amphilocho (Estrab., *Ed. Didot*, III, IV, 3).

Justino acrescenta mais algumas particularidades. Segundo este autor, é Teucro em pessoa que, no fim da guerra de Tróia e depois de várias contrariedades, aporta ao sítio onde depois se fundou Cartagena, e daí, sem se saber porque nem para quê, atravessa a Ibéria e vai fixar-se na Gallæcia. Junta ele, um pouco

---

<sup>1</sup> *Brevitatis causa* faremos como Estrabão e Justino, compreendendo debaixo da denominação de Gallæcia a região que os Romanos dividiram em Gallæcia bracaria e Gallæcia lucense.



disparatadamente, que parte dos habitantes da Gallæcia se chamavam Amphilochos; mas o mais curioso da notícia é que Justino nos dá esta genealogia como architectada pelos próprios galegos (Just., *Ed. Nizard*, XLIV, 3).

Sílio Itálico, espanhol de nascimento, como é sabido, fala-nos doutros gregos. Para este, Tyde é etólia (Síl. Itál., *Ed. Nizard*, III, pág. 254), fundada por Diomedes (XVI, pág. 466), filho de Tydeu. O poeta, como Plínio (Plín., *Ed. Nizard*, IV, XXXIV), distingue os etólios dos graios; Ptolomeu (Ptol. 2.<sup>a</sup> Tab. da Europa) confunde-os: Tyde Gruyorum. Que em todo o caso os graii, gravii ou grovii<sup>2</sup> (porque as lições são diferentes) eram tão gregos como os outros, afirma-o o mesmo Plínio: "Helleni, Gravii, Castellum Tyde, græcorum sobolis omnia" (Plín., *ibid.*). Não era só na Gallæcia que se acantonavam os gregos. Alguns lusitanos de ao pé do Douro levaram um teor de vida lacónica (Estrab., III, III, 3), e estes mesmos *lacones* vamos encontrá-los na Cantábria, onde além disso encontramos messênios e a cidade Opsicella, fundada por Ocela, um *quidam* que acompanhara Antenor à Itália (Estrab., III, IV, 3).

Em geral os montanheseiros do norte, galegos, astures, cantabros e os próprios vascões faziam hecatombes *ritu græco* e casavam *more græco* (Estrab., III, III, 3).

Vê-se pois que a existência duma população grega, largamente difundida pelo noroeste da Ibéria, nos é atestada por uma respeitável quantidade de autoridades; mas vê-se também que todas elas se encostam a lendas vagas, a analogias de costumes não menos vagos, e a assonâncias de nomes, a maior parte deles muito provavelmente estropiados.

Para resolver o problema da chegada dos gregos a estas remotas paragens, os antigos escritores não achavam outro recurso, senão o *deus ex machina* dos heróis da guerra troiana, que, não falando no seu carácter semi-mítico, tiveram pela maior parte o

---

<sup>2</sup> De resto os geógrafos mal sabem onde localizar estes graii. Plínio, como se vê, coloca-os entre Hellenes e Tyde; Sílio Itálico (pág. 219) nas margens do Lima; Mela (*De situ orbis*, III, I) estende-os até ao Ave.

privilégio da ubiquidade (Vej. *Biographiæ mythique*, de Jacobs, art. *Diomède, Amphiloachus*, etc.).

A história, despida precisamente das *conjecturas especulativas* de que fala Florez, desconhece estas nevoentas tradições.

“Os phoceus — diz Heródoto — foram os primeiros gregos que empreenderam longínquas viagens e fizeram conhecidos o Mar Adriático, a Tyrrhénia, a Ibéria e Tartessus” (Heródoto, *Ed. Charpentier*, X, 163). A colonização grega para o Ocidente foi muito tardia, principalmente se a compararmos com a fenícia. Os ciclopes e lestrigões, de que Homero povoara a Sicília, parece terem feito desta ilha as verdadeiras colunas de Hércules que fecham aos gregos o mundo ocidental. E o testemunho expresso de Ephoro, citado por Estrabão:

“Os antigos temiam-se tanto da pirataria dos tyrrhenos e dos habitantes destas regiões, que nem mesmo para comerciar navegavam para a Sicília” (Estrab., VI, II, 2). Como sempre, um acaso dissipou boa parte destas abusões.

Teocles, um ateniense, arrojado por uma tempestade a estas costas, encontrou, em vez de antropófagos, uma população quase imbele e um país excelente, e não tardou a vir explorá-lo com uma colónia de calcídios e dórios (Estrab., *ibid.*). Esta notícia, que dá um nome à cidade colonial, Naxos, fundada em 759<sup>3</sup>, é tão aceitável, quanto indigno de crédito o estabelecimento sem nome atribuído aos phoceus, “à volta da guerra de Tróia” (Thucydides, VI, 2). Atrás dos calcídios uma turba de aventureiros demanda a famosa ilha (Thucid., *ibid.*); mas não se vê que os gregos se arrisquem mais ao Ocidente, decerto por medo dos terríveis tyrrhenos do Norte e dos cartagineses do Sul<sup>4</sup>.

---

<sup>3</sup> Neste trabalho seguimos a cronologia de Larcher, que nem sempre concorda com a doutros historiadores, diga-se de passagem. Escusado é advertir que em todas as datas se subentende sempre — antes de Cristo.

<sup>4</sup> O terror inspirado pelos piratas tyrrhenos era proverbial. Os filhos de Cartago não tinham muito melhor reputação. “Os cartagineses — dizia Eratósthenes—metiam a pique os navios estrangeiros que vogavam para a Sicília e para as colunas de Hércules” (Estrab., XVII, 1, 19).

No reinado do célebre Arganthónio, que começa em 629, vemos os phoceus subitamente em Tartessus (Heródoto, *log. cit.*).

Este salto prodigioso seria inexplicável, sem um facto de que nos dá conta o pai da história, um pouco em contradição consigo mesmo, diga-se a verdade. Em 640 um navio sâmico, que velejava para o Egipto, é colhido por um vento este, que o traz pelo Mediterrâneo fora e faz arribar a Tartessus (Heródoto, IV, 152). Pelos cálculos de Cantu, a Grécia inteira não poderia reunir tanto ouro, como o que daí trouxeram os sâmios. Que esta aventura, dada como miraculosa por Heródoto, e da qual ainda no seu tempo existiam grandiosas memórias no templo de Juno em Samos, fizesse bulha no mundo grego, é natural, e muito provável que não fosse estranha à subsequente viagem dos atrevidos phoceus.

É certo, além disso, que alguns anos mais tarde, espezinhados no seu país pelos Persas, uma parte deles abandona o berço natal e vem procurar no Ocidente uma nova pátria (Heródoto, 1, 164). Batidos pelos tyrrhenos e cartagineses em Cynnos (Córsega), repelidos das costas da Ligúria (Heródoto, *ibid.*, 166; Estrab., VI, I, I), os phoceus recuam até à Lucânia, onde fundam Elêa, mas voltam à carga mais tarde e conseguem estabelecer-se em Massília (600).

Daí vão-se eles estendendo para as colunas de Hércules. São colónias suas:—Empórias, Rhoda<sup>5</sup>, Dianium Mienaca, que Scymno de Chios (*Geograph. Min.*, Ed. Didot, V, 146-9) diz expressamente ser a última colónia grega<sup>6</sup>.

Assim os gregos na Ibéria, de que faz menção a história até à conquista romana, que os massilienses a princípio auxiliaram

<sup>5</sup> Segundo alguns, Rhoda era uma colónia de rhódios (Estrab., III, IV, 8). Estes rhódios tinham também tomado posse das Gymnesias, logo depois “da guerra de Tróia” (Estrab. *ibid.*). Mannert, desdenhando destas fábulas, quer que o nome venha de rhodon, pelas muitas rosas que naquela localidade havia (Mannert, *Geographie von Hispanien*, pág. 425). Se a etimologia é fantasiosa, não o é menos a navegação que trazia os rhódios a estas remotas plagas.

<sup>6</sup> Sem embargo desta categoria afirmativa e da de Estrabão (III, IV, 2), que dizia reconhecerem-se em Mænaca vestígios de uma povoação grega, o nome, como o de Menestheu, parece fenício. Appiano (*De reb. hisp.*, II) dava os phoceus ainda mais ao ocidente. Eram os phoceus do tempo de Argantónio; mas a autoridade de Appiano pesa pouco, contrabalançada com a de Heródoto.

poderosamente, são estes e nenhuns outros<sup>7</sup>.

As viagens dos Ulisses, Diomedes, Teucros, Lycurgos, etc., essas é que não têm por si senão as conjecturas especulativas dos eruditos da Hélada.

\*

Com efeito, quando os romanos expulsam os cartagineses da Espanha e a tornam acessível aos estrangeiros, é então que os gregos, a quem a curiosidade ingénita levava a toda a parte, começam a descobrir que estes países já há muitos séculos haviam sido frequentados por compatriotas seus. Nas costas do Sul encontravam-se 600 (*sic*) vestígios dos erros de Ulisses, mas entre estes 600 vestígios apenas se nomeava Odyssêa, ou Ulyssêa, ao Norte de Abdera, e nela um templo de Minerva, decorado com uns esporões e uns áspides dos navios do herói de Útica (Estrab., III, II, 13; IV, 3). Gades, a Gades tíria *pur sang*, era grega de origem (Philostrat. *Vita Appolon.*: Ed. Gothofred, V, IV). No célebre templo do deus tino exibia-se, entre outras memórias, o boldnié de Teucro, se bem que os indígenas ignorassem como ele e o dono ali vieram parar (Philostrat. *ibid.*, V). Menestheu, que dava o nome a um porto e a um oráculo, era um rei grego (Estrab., III, II, 13), a quem os gaditanos sacrificavam (Theoprast., *ibid.*).

Estrabão torturava os textos homéricos no intuito de provar que o poeta conhecera o Atlântico e alargara até os mares do Ocidente o teatro de parte dos seus heróis (Estrab., *ibid.*, IV, 4). Solino chegava mesmo a atribuir a Ulisses a edificação de Ulysippo (Lisboa), — o que ainda não lembrara a ninguém (Solín. *Collect. Ed. Mommsen*, pág. 116). Aristócrates, citado por Plutarco (Plut. *Vit.* — Licurg.), afirma que Licurgo viajara pela Líbia e pela Ibéria. O Norte e Noroeste da Ibéria forneceu, como já vimos, abundantes materiais a estas reivindicações.

---

<sup>7</sup> Pondo de parte os *racynthios*, que, associados aos rútuos de Ardea, fundavam Sagunto, 200 anos antes da “guerra de Tróia” (Bochus, citado por Plínio, XVI, LXXIX). Provavelmente estes *zacynthios* ibéricos devem a sua origem à mesma licença etimológica, que derivava Astúria de Astyr, escudeiro de Memnon (Sil. Ital., pág. 253).



Era a guerra de Tróia que dava para quase tudo.

Quando ainda pelas alturas da Britânia e da Céltica, etc., apareciam gregos e costumes gregos (Plutarco, *Oev. Moral.*, tomo 13, págs. 132-3; Tácito, *De more Germ.*, III), e parecia extravagante demais fazer desgarrar tanto ao longe os imensos vencedores de Ilion, a imaginativa grega não se dava por batida. Os argonautas, achando pelo Tanais e outro rio anónimo uma saída para o Oceano boreal, tinham circum-navegado a Europa pelo Atlântico, voltando aos seus lares pelas colunas de Hércules, e era a eles que se devia o culto dos Dioscures no Norte e os nomes gregos, tanto aí como pelas costas do Mediterrâneo (Timeu, *Fragmenta hist. græc.*, Ed. Didot, I, pág. t94). Com tais processos explicativos não há problema geográfico e etnográfico possível; mas é o caso de repetir aqui o que dizia Plínio, falando do Lixus: “Não admira que os gregos mentissem tanto, pois que os romanos faziam a mesma coisa”. De facto, para Sílio Itálico, Cartulo era fundada por um grego, Cartagena por Teucro, etc. (Síl. Ital., pág. 254-5).

A conformidade de costumes entre os gregos e os espanhóis do Noroeste<sup>8</sup>, noticiada pelos antigos, tem encontrado menos incrédulos que as fabulosas navegações, a que eles se socorriam para a explicar.

---

<sup>8</sup> O helenismo dos costumes ibéricos foi levado à última exageração por Caetano do Amaral. Diz ele: (<Jogos, certames públicos, sacrifícios, casamentos, áite de augurar, tudo é de gregos” <*Mem. de Lii. Port.*, tomo I, pág. 26). Estrabão, em cuja autoridade se funda Amaral, não vai tão longe. Nem dá como gregos 05 “certamina gymnica armata et equestria”, nem os ritos sanguinários usados entre os povos que Resende (*Anf. Lus II.*, tomo I, págs. 58-6i) entende serem lusitanos e Amaral gravios, amphilochos, etc.

Quanto aos costumes religiosos, bastará notar que os sacrifícios humanos já há muito estavam abotidos na Grécia (Maury, *Les relig. de la Grec. ani.*, tomo II, págs. 104 e segs.), e que não seria de-certo nestas atrocidades que um grego reconheceria a religião da sua pátria. O que é expresso em Estrabão, em pontos de etnografia comparada, é: a) que alguns lusitanos de ao pé do Douro tinham um modo de viver lacónico, unguindo-se e lavando-se de certo modo e sendo sóbrios (ni, aí, 6); ti) que todos os montanheses (*omnes qui in montibus degunt*, Galegos, Astures, Cântabros “usque ad Vascones et Pyrenam” (*omnes enim eodem vivunt modo*), celebravam hecatombes *ritu græco*, contraíam matrimónios *more græco* (*ibid.*, 7).

Os argumentos linguísticos a que alude Resende (pág. 6i) teriam algum valor, se ele pudesse provar-nos que as tantas palavras gregas da sua silva datavam de Ulisses e Diomedes, a cujas viagens ele não põe contras.

Rejeita-se como inepta a sua autoridade, quando afirmam as viagens marítimas dos colonizadores gregos; mas aceita-se como inconcussa esta mesma autoridade, quando nos atestam a existência de costumes gregos. (Veja-se entre outros Frédéric Rougemont, *L'âge du bronze*, págs. 282 e 283)<sup>9</sup>. É que naturalmente se entende que a verificação de costumes gregos feita por um grego é cousa tão intuitiva e tão pouco sujeita a equívoco, que chega a ser pedantesca a crítica que hoje se lembre de contestar a um grego a competência de distinguir o que era grego do que o não era. No entanto, reflectindo melhor, cai-se em que o terreno dos observadores gregos não é tão sólido, como à primeira vista parece. Os costumes gregos não foram sempre uns e os mesmos. Falando da identidade de costumes entre os Lacedemónios e outros povos, Tucídides acrescenta: “Poderia mostrar-se com outros muitos exemplos que os antigos costumes gregos tinham muita analogia com os costumes actuais dos bárbaros” (Tucíd., I, VI). Esta verdade pode hoje ser desenvolvida assim: — os antigos gregos e muitas populações bárbaras tiveram um fundo etnogénico comum; — os costumes dos antigos gregos transformaram-se com os progressos da esplêndida civilização helénica, e enquanto que os dos bárbaros, se não ficaram estacionários, desenvolveram-se numa direcção absolutamente diferente.

Ora, de que costumes nos falavam os informadores de Estrabão? O facto de os darem importados, não só pelos heróis da guerra de Tróia, mas ainda pelos companheiros de Hércules, que com os Messénios vieram para a Ibéria (Estrab., III, IV, 3), parece indicar

---

<sup>9</sup> De facto, Rougemont, zombando das colónias gregas por mar, aceita a veracidade dos escritores antigos no tocante ao helenismo dos costumes ibéricos, e, querendo fundamentá-lo melhor que antes, escolhe de entre as muitas tradições, com que Turiagenes (Amm. Marcel., XV, IV) pretendia esclarecer as origens célticas, a duma colónia dória por terra que da Céltica desceu à Ibéria. Para o autor da “Edade do bronze” a aparição dos celtas no Ocidente é moderna; mas, como a colónia dória que veio “após o antigo Hércules” é antiquíssima, a hipótese deste erudito figura-se-nos insustentável, pelas razões que podem ver-se no texto deste escrito.

Notemos ainda que o próprio Turiagenes parece dar tão pouco peso à tradição preferida por F. Rougemont, como este aos trabalhos arqueológicos dos celtistas.

que estes costumes tinham um cunho arcaico muito pronunciado. Confirmaria esta indução a notícia relativa aos costumes lacónicos dos lusitanos das margens do Douro (Estrab. log. já cit.). Esta colónia lacónica não podia deixar de ser anterior a Licurgo, pois que por Plutarco e Xenofonte sabemos que -uma lei deste instituidor, lei por muitos tempos respeitada proibia sob graves penas que os Lacedemónios fossem estabelecer-se em país estrangeiro (Estrab., Lic. e Xenof., *Rep. de Spart.*, XIV). Uma particularidade mencionada nesta última notícia — o uso muito primitivo de aquecer os unguentos (Estrab., III, III, 6)— relevaria ainda esta remota antiguidade. (Comp. Lubbock, *L'homme avant l'hist.*, pág. 403).

Mas, não obstante a força persuasiva destes indícios, é pouco crível que os observadores gregos se entretivessem com escavações arqueológicas, e que, se quisessem dizer-nos que os costumes ibéricos que eles historiavam eram os dos antigos gregos, o não declarassem expressamente.

Se porém o paralelo era feito entre costumes gregos e ibéricos contemporâneos, a posição destes etnografistas piora consideravelmente. E mais que absurdo que os velhos gregos, perdidos entre os bárbaros do extremo Ocidente, acompanhassem o desenvolvimento dos costumes helénicos, posteriores ao século de Péricles.

A hipótese duma colónia relativamente moderna, que trouxesse consigo costumes relativamente modernos, é inadmissível, não só porque a história a conheceria e mencionaria, como sucedeu com as outras, mas porque neste caso não conservaria ela unicamente costumes vagos e insignificantes, senão sinais mais característicos da sua origem recente, —língua, religião, etc., como a de Massília e outros.

\*

A conciliação de todas estas dificuldades e que ao mesmo tempo ressalvaria a boa-fé dos antigos, pondo fora do debate a frequente





casualidade de tais analogias — o que torna muito precárias e suspeitas as induções tiradas desta ordem de factos (Belloguet, *Ethnogénie Gauloise*, tomo I, pág. 6) — a conciliação destas dificuldades, dizemos, pende, a nosso ver, somente da possibilidade de se haverem conservado entre algumas populações gregas e algumas populações do Noroeste da Ibéria costumes antiquíssimos, que mesmo na Hélada ficaram intactos no meio da transformação quase geral das velhas instituições. Neste caso os observadores gregos abraçariam a nuvem por Juno. E assim que, se eles nos falam das hecatombes *ritu græco* dos montanheses do Noroeste da Ibéria (sem discutirmos se tais hecatombas eram ou não uma invenção dos Asclepiades e Artemidoros)<sup>10</sup>, podemos acreditá-los confiadamente, mas nada nos obriga a acreditar ao mesmo tempo que viesse algum grego à Ibéria ensinar o ritual destas cerimónias. Este rito devia ser tão velho como a migração ariana para a Europa. “Na exacta observância das formalidades de culto— diz Maury (*Les relig. de la Grec. ant.*, tomo II, págs. 86 e 87), tais como as transmitira a tradição” é que consistia, no entender dos gregos, o essencial da religião.

O rito das hecatombes não era pois privativamente grego, helénico: era ariano, e populações arianas ninguém põe em dúvida que as houvesse na Ibéria desde tempos remotíssimos.

O mesmo podia suceder, e é natural que sucedesse, com alguma costumeira relativa aos casamentos — cujas cerimónias, segundo as observações de Lubbock (*Les orig. de la civilisation*, pág. 112), são duma persistência notável— embora noutros pontos entre iberos e gregos houvesse divergências completas. Destas analogias e destas divergências dão-nos prova os próprios observadores gregos, quando numa parte nos dizem que os montanheses do Norte, entre eles os Cantabros, casavam “more græco”, e noutra nos afirmam que o regime dotal dos Cantabros repugnava a uma república bem constituída, isto é, aos costumes helénicos (Estrab., III, IV, 18).

---

<sup>10</sup> Pela lição de Causobono, seguida por Amaral, estas hecatombes eram anuais (*quotannis*); a de Müller diz: “cujusvis generis”. Em qualquer dos casos não faltará quem se ria deste luxo de hecatombes, feitas por montanheses, que a maior parte do ano se nutriam de bolota Estrab., III, III, 7).

A comunidade originária de costumes entre gregos e alguns bárbaros, já notada por Tucídides, dá a razão destas analogias, como a dá das diferenças o grau de desenvolvimento de cada povo, depois da sua separação, e as diversas condições da sua existência. Menos dúvida oferecem os usos dos pseudo-espartanos de ao pé do Douro, e ainda menos a sua sobriedade, quase proverbial em todos os iberos.

\*

\*

No domínio linguístico dava-se um fenómeno idêntico. Imagina-se facilmente a admiração dos gregos, quando, penetrando no Noroeste da Ibéria atrás dos conquistadores romanos, encontraram nomes tais como Gravii, Hellenes, Amphiloichi, Tyde, etc., e desculpa-se-lhes, até certo ponto, a vaidade de os reclamar como propriedade sua, mormente tendo na sua história o episódio das indefinidas viagens dos seus passados, graças às quais não havia distâncias, nem regiões inacessíveis.

Mas o nome de Graii<sup>11</sup>, por exemplo, dá-nos hoje uma explicação muito mais satisfatória. Este nome, que se encontra na Hélada, nos Alpes (Alpes Graiæ, cujos habitantes eram também falsamente alcunhados de gregos, Plin., III, XXIV), na Gallæcia e noutras partes mais, designava uma posição topográfica entre povoações da mesma língua e raça, sem que os Grau da Grécia implicassem a noção etnológica de galegos, nem os da Gallæcia a de gregos.

A etimologia de Hellenes, quer a palavra signifique “estrangeiros”, como entende Steur (*Ethnographie des peuples de*

---

<sup>11</sup> Graii, segundo os celtistas, vem de *craigh* — rocha. A crermos Sílio Itálico (pág. 254), os graii alteraram o seu nome primitivo em gravii. Filologicamente graii e gravii parecem ser uma e a mesma coisa: *gravas* significa igualmente — rocha (Ad. Pictet, *Orig. indo-europ.*, tomo I, pág. 131).



*l'Europe, Art. Grecs*)<sup>12</sup>, quer “hillmen” ou “warriors” como afirma Tylor (*Words and Places*, pág. 57), remonta em todo o caso a uma época ante-helénica.

Queremos dizer, em suma, que os pretendidos gregos do Noroeste da Ibéria são celtas, e que a hipótese de uma colónia grega, por mar ou por terra, não tem por si um texto histórico, uma tradição segura; — é pura e simplesmente uma indução tirada de alguns nomes geográficos, e de dois ou três costumes que se encontravam na Grécia.

---

<sup>12</sup> Não será inútil advertir que quase todas as etimologias de Steur são tiradas de W. Obermüller's (*Keltisches Wörterbuch*), a quem Belloguet chama desdenhosamente o *Bullet da Alemanha*.